

BRINCANDO DE MÉDICO

Lúis Cláudio Cicci
Da equipe do **Correio**

Andar pelos corredores do Hospital Regional da Ceilândia (HRC) dá a impressão de uma visita aos hospitais de campanha da 2ª Guerra Mundial. A situação — saguão lotado por pacientes aguardando atendimento, macas com doentes colocadas nos corredores e equipamentos desgastados — se confirma com tensão que existe entre a direção do HRC e a equipe médica causada pela acusação de exercício ilegal da Medicina. Como em tempo de guerra, na Regional de Saúde de Ceilândia, quase todos fazem papel de médico. Nos postos de saúde, enfermeiros diagnosticam doenças, pedem exames e prescrevem receitas.

A unidade tem 179 profissionais da área de saúde com nível superior, dos quais 105 colocaram seus nomes num abaixo-assinado para reclamar à secretária de Saúde, Maria José Maninha, da "situação indigna" no HRC e nos centros de saúde da Ceilândia. Essas pessoas alegam que enfermeiros e profissionais com curso técnico trabalham em cargos reservados aos médicos e exercendo funções exclusivas de quem tem o diploma em Medicina. Junto com o abaixo-assinado, já encaminhado à Secretaria de Saúde, os responsáveis anexaram cópias de documentos para comprovar suas acusações.

As receitas, guias e solicitações

trazem o carimbo, a rubrica e o registro de um inscrito no Conselho Regional de Enfermagem (Coren) no espaço reservado para o médico, conforme está escrito nos formulários. Depois de reunir a papelada, o grupo tentou a ajuda dos Conselhos Regional e Federal de Medicina, e da Associação Médica de Brasília mas, só o Sindicato dos Médicos, que agendou uma reunião com a secretária Maninha, manifestou-se. Na quarta-feira, data marcada, um assessor da Secretaria de Saúde informou que ele estava ali para receber o grupo de médicos da Ceilândia e, diante das reclamações e perguntas sobre a secretária, encerrou o encontro.

"Nós queremos preservar a profissão e também o atendimento à população", explica Mário Cinelli, secretário de Finanças do sindicato. "Eu não gostaria que um parente meu fosse examinado por alguém que não é médico", acrescenta ao dizer que enfermeiros e técnicos também não são preparados para prescrever medicamentos. Entre os documentos recolhidos pelos médicos do HRC, receitas distribuídas a oito pacientes diferentes nos dias 21 de maio e 3 e 4 de junho orientam a ingestão do mesmo antibiótico, na mesma quantidade, durante o mesmo período a pessoas com diferentes idades e pesos. A prescrição desse medicamento deve respeitar as características de cada doente para ajustar a dosagem.

Ronaldo de Oliveira



As filas para atendimento no Hospital de Ceilândia não diminuem, nem com enfermeiros fazendo papel de médicos